

MONICA FANTIN & JOSÉ DOUGLAS ALVES DOS SANTOS

monica.fantin@ufsc.br; jdneo@hotmail.com

CENTRO DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA, BRASIL

EDUCAÇÃO NÃO FORMAL E SUAS DIMENSÕES ÉTICAS E ESTÉTICAS NA FORMAÇÃO MIDIÁTICA E CULTURAL DE ESTUDANTES UNIVERSITÁRIOS

RESUMO

A formação cultural não se restringe aos espaços institucionalizados de educação, ainda que estes sejam lugares privilegiados para o acesso aos conhecimentos sobre o mundo e suas distintas culturas e para a possibilidade de aprender e se apropriar de tais saberes. No entanto, fora do limite escolar podem ocorrer processos formativos e de aprendizagem tão significativos e relevantes quanto aqueles que acontecem em seu interior. Com o objetivo de refletir sobre as possíveis articulações de saberes entre os espaços da educação formal e não formal, o artigo discute alguns aspectos de tal relação a partir da dimensão ética e estética da formação midiática e cultural de estudantes universitários/as. Por meio de relatos, narrativas e de um mapeamento midiático-cultural realizado com estudantes de um curso de Pedagogia, a análise de tais experiências permitiu evidenciar alguns resultados: a diversidade de experiências culturais promovidas com audiovisuais, músicas e saídas de estudos potencializam a articulação entre os saberes formais, não formais e informais; aprendizagens construídas em contextos de educação não formal, quando compartilhadas em diferentes espaços formativos, possibilitam ressignificar certas experiências educativas e culturais; as práticas midiáticas construídas nas fronteiras da educação e cultura digital, quando mediadas na perspectiva crítica da mídia educação, podem ser “desnaturalizadas” a partir de critérios éticos e estéticos e propiciar outras formas de conhecimento e construção de vínculos entre professores e estudantes. Como conclusão, a necessária retomada da discussão sobre ideia de escola no contemporâneo, a desejável articulação entre as aprendizagens formais, não formais e informais nos diferentes espaços educativos, e o desafio de abordar diversas questões colocadas pela cultura digital do ponto de vista político, ético e estético na escola, de modo a contribuir de forma crítica com as mudanças que ocorrem na sociedade.

PALAVRAS-CHAVE

educação não formal; práticas midiáticas e culturais; dimensão ético-estética; escola e sociedade

Num cenário em que vivemos cortes de orçamento na educação a partir de diversas políticas públicas, como se desenha o atual momento político-econômico-cultural brasileiro, o papel atribuído à escola como uma importante instituição responsável pela formação dos indivíduos está sendo colocado em xeque, não sem tensões e resistências. Afinal, como pensar a escola e a comunidade escolar sem perguntar sobre as necessidades da formação humana, crítica e integral? O que priorizar? A educação, a ciência, a cultura, o afeto pelos estudantes e seu crescimento pessoal, intelectual, profissional ou o processo político, social e econômico que por vezes destitui a importância da escola?

Nesse sentido, vale retomar algumas constatações na ideia proposta por Rivoltella (2018): a escola funciona como dispositivo com regras, papéis, relações estruturais rígidas; a perspectiva do professor incompleto e a pesquisa de novas estratégias para desenvolver um papel significativo e reconhecido pelos estudantes; a importância do método, que mesmo na nossa sociedade “horizontal” não é uma gaiola, mas garante a organização e a coordenação do processo de ensino-aprendizagem; a relação com as mídias que não significa ceder a um modismo, mas tornar contemporânea a experiência escolar.

Assim, discutir a escola como espaço de socialização e construção de conhecimento sistematizado, como dispositivo da cultura, como espaço de interação e de relações as mais diversas. Enfim, pensar a escola como ecossistema comunicativo e pedagógico (Fantin, 2017) implica pensar em todos esses aspectos mencionados sem esquecer o lugar dos sujeitos envolvidos: estudantes e seus familiares, professores, profissionais da educação e comunidade; o currículo; as metodologias; as aprendizagens que ocorrem dentro e fora da escola; a avaliação; a arquitetura escolar; as políticas públicas e de formação docente no contexto mais amplo da formação humana em geral e da formação cultural e docente em particular.

Pensar a escola nessa perspectiva nos leva a perguntar pelos processos formativos que acontecem na escola e fora dela, visto que, segundo Brandão (1981), ninguém escapa a ela. Isso diz respeito tanto ao nível do contexto escolar como fora dele, pois a formação cultural dos indivíduos não se restringe apenas aos espaços institucionalizados de educação, ainda que estes sejam lugares privilegiados para o acesso aos conhecimentos produzidos sobre o mundo e suas distintas culturas, principalmente quando sabemos que é na escola que muitos estudantes têm a oportunidade de aprender e se apropriar de tais saberes.

No entanto, fora do limite escolar e de outros espaços formais de ensino pode ocorrer processos formativos e de aprendizagem tão significativos e relevantes quanto aqueles que acontecem no interior desses espaços; no chamado “mundo da vida”, conforme acentua Gohn (2014), ou no “mundo fora da escola”, em que ocorrem processos de troca de saberes e de experiências que se constituem como práticas educativas forjadas no cotidiano e nas relações entre os sujeitos, potencialmente ricas de significado e sentido (Arroyo, 2009; Freire & Betto, 1998; Sodré, 2012).

Ainda que diversos autores caracterizem as especificidades da educa o formal, não formal e informal (Arantes, 2008; Carneiro & Rocha, 2013), convém tensionar as fronteiras da educa o formal (estruturada/sistematizada na escola), da educa o não formal (que ocorre fora da escola, em museus, nos meios de comunica o, empresas, eventos e outros espaços e institui es com intencionalidade ou não) e da educa o informal (que acontece de forma espontânea nas vivências com familiares, amigos e interlocutores do dia a dia), sobretudo diante da complexidade das experiências formativas contemporâneas, seus hibridismos, deslocamentos e atravessamentos cada vez mais protagonizados pela cultura digital e suas dimensões  ticas e est ticas.

Para Brandão (1981), a educa o abrange os processos de forma o humana em suas múltiplas possibilidades, e não se referem apenas às práticas institucionais escolares, sobretudo nos dias de hoje, em que a cultura digital oferece novas potencialidades de intera o no mundo e que a Inteligência Artificial vai construindo novos paradigmas que pautam não apenas a ciência de dados e seus desafios sociais, mas as próprias rela es entre indivíduos, máquinas e meio ambiente (Figueiredo, 2019). Como hoje a sociedade atua em redes,

Novos processos de aprendizado têm sido criados, reciclados ou clamados como necessários. Cada vez mais os organismos internacionais do campo educativo preconizam que os indivíduos devem estar continuamente aprendendo, que a escola formal apenas não basta, que se deve aprender a aprender. Os conteúdos rígidos dos currículos são questionados, novos saberes são descobertos/identificados fora das institui es escolares, fundamentais para o crescimento/desenvolvimento dos indivíduos enquanto seres humanos, assim como para o desempenho destes indivíduos no processo de trabalho em face às novas exigências do mundo globalizado. (Gohn, 2014, p. 38)

Ainda que a autora enfatize o caráter de ações coletivas e a dimensão de cidadania, bem como o caráter de intencionalidade presente no seu entendimento de educação não formal – voltada à “formação de cidadãos(as) livres, emancipados, portadores de um leque diversificado de direitos, assim como de deveres para com o(s) outro(s)” (Gohn, 2014, p. 40) –, perguntamos se é possível hoje separar as intencionalidades educativas nos diferentes espaços da cultura que nos formam, transformam e por vezes também deformam, e como isolar certos aspectos das experiências que nos constituem.

Nesse sentido, destacamos o caráter emergencial das novas formas de consumo cultural e de práticas comunicativas e sociais (Jenkins, Clinton, Purushotma, Robison & Weigel, 2006; Martín-Barbero, 2008,) que reconfiguram as paisagens culturais no mundo contemporâneo, constatada por Hall (1997) como uma verdadeira revolução e por Floridi (2017) como a quarta revolução – aspectos que configuram um campo chave de pesquisa em nosso século.

1. CAMINHOS METODOLÓGICOS: RELATOS DE EXPERIÊNCIAS, NARRATIVAS E MAPEAMENTOS

Com o objetivo de refletir sobre a dimensão ética e estética na formação midiática e cultural de estudantes universitários/as, o artigo parte de relatos de experiências culturais e pedagógicas de estudantes e de algumas aproximações com narrativas biográficas (Muylaert, Sarubbi Jr., Gallo, Neto & Reis, 2014; Nóvoa & Finger, 1988), desencadeadas a partir da singularidade de uma disciplina do curso de Pedagogia da Universidade Federal de Santa Catarina, ministrada no segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019. Os temas da infância, cultura, escola, pesquisa e formação nortearam diversas atividades desenvolvidas com o objetivo de propiciar experiências de aprendizagens significativas que articulassem a educação formal, não formal e informal.

As propostas didáticas e metodológicas buscaram contemplar diferentes linguagens e atividades realizadas dentro e fora da universidade. Envolveram aulas expositivas-dialogadas, estudo e discussão de textos, exibição de filmes, trabalhos em grupo, produção textual, visitas orientadas, observações e intervenções em espaços públicos da cidade, colóquios com convidados especiais, oficinas.

A disciplina foi ministrada em quatro turmas entre o segundo semestre de 2018 e primeiro semestre de 2019, com uma média de 25 a 30 alunos

cada. A faixa etária predominante era dos 18 aos 20 anos, e compostas majoritariamente por mulheres, solteiras, que frequentaram a educação básica em escolas da rede pública de ensino. A partir de um questionário online que visava mapear um perfil sociocultural de cada turma, alguns dados comuns evidenciaram que: a maioria não lia jornais (ou lia muito raramente); entre as que tinham o hábito de ler, a preferência era pelo impresso ao digital; o gênero de livro que mais gostavam era romances e autoajuda; raramente iam ao cinema e museu; navegavam na internet diariamente, acessavam as redes sociais diversas vezes ao dia e costumavam realizar pesquisas sobre os mais diferentes assuntos no YouTube.

Ao desafio de abordar os conteúdos da disciplina levando em consideração a dimensão ética e estética, considerada por Chaves e Goergen (2017) como elementos essenciais no processo formativo integral dos humanos, somava-se a necessidade de colocar em questão a formação midiática e cultural de estudantes universitários – sobretudo em tempo de *fake news*. E “diante do atravessamento das mídias e tecnologias nas interações construídas no contemporâneo e a multiplicidade de entendimentos sobre seu papel na educação” (Fantin, 2018, p. 41), buscamos trazer estes elementos de modo significativo ao processo educativo dos/as estudantes, incluindo atividades que dialogassem com essa proposta (por exemplo, observações de crianças e estudantes fora da sala de aula e em diferentes espaços públicos, análise de imagens e notícias, criação de narrativas ficcionais), tentando fazer com que eles percebessem a potencialidade pedagógica que os espaços sociais oferecem.

A seguir, destacamos algumas atividades.

1.1. EXIBIÇÃO DE FILMES E DISCUSSÃO

Diversos curtas-metragens foram exibidos durante as aulas (“Bilu e João”, 2005, de Katia Lund e *Song Song and Little Cat*, 2005, de John Woo – que fazem parte do documentário *All the Invisible Children*, de 2005, dirigido por vários diretores, Itália) e outros longas em sessões especiais, como *Captain Fantastic* (2016, de Matt Ross, EUA) e *L'enfant sauvage* (1970, de François Truffaut, França), com o objetivo de instigar a discussão sobre a concepção de infância e de sociedade, da relação natureza-cultura, socialização da criança em diferentes contextos (urbano e não urbano), sistema escolar e educação idealizada, papel da família e das mídias, entre outros. O documentário indígena produzido no contexto do projeto “Vídeo nas Aldeias”, *Das Crianças Ikpeng para o Mundo (Marangmotxingmo Mirang*, 2001), foi uma vídeo-carta produzida por jovens indígenas da etnia Ikpeng,

em que as crianças apresentavam sua aldeia e pediam que outras crianças também fizessem vídeos mostrando sua realidade para manter uma troca de experiências. Alguns filmes tinham a indicação de leituras prévias para instigar e fundamentar a reflexão de modo a relacionar aspectos do filme com os trabalhos produzidos e estudados durante o semestre.

1.2. MÚSICAS E VIDEOCLIPES

Ao discutir certos temas, era comum fazermos referências a certas canções como analogia ou metáforas dos conteúdos trabalhados. Assim, vimos e discutimos dois videoclipes, um da banda brasileira O Rappa, com o vídeo da música “Minha Alma (A Paz Que Eu Não Quero)” (do disco *Lado B Lado A*, lançado em 1999), e outro da canção *Are You Lost In The Wolrd Like Me*, de Moby e The Void Pacific Choir (do álbum *These Systems Are Failing*, lançado em 2016). As canções refletiam sobre diversos aspectos, mas o olhar à criança em cenários sociais modificados pelas culturas desencadeou também outras poéticas e discussões sobre a construção do gosto musical e dos repertórios culturais.

1.3. EXPOSIÇÃO FOTOGRÁFICA “CRIANÇAS BRINCADEIRAS”

A proposta de uma saída de estudos possibilitou a apreciação da Mostra Fotográfica “Crianças Brincadeiras”, a partir das fotos feitas por um estudante indígena do curso de Jornalismo da UFSC, Ne-gatxa-Patté, bolsista da pesquisa de Piacentini¹, coordenadora do Museu do Brinquedo da Ilha de Santa Catarina. A partir da visita, os estudantes escolheriam uma imagem que chamou a atenção e teceriam um comentário sobre ela para compartilhar no espaço online da disciplina, o Moodle, num fórum aberto para tal finalidade. A seguir, compartilhamos duas narrativas de estudantes que a nosso ver expressam a riqueza das experiências formais, não formais e informais:

Durante a exposição “Crianças Brincadeiras” composta por fotos sob os olhares do jovem indígena Ne-gatxa Patté me deparei com um projeto lindíssimo, e, que repassa ao observador um misto de espontaneidade e sensação de alegria. Embora não tenha feito o registro em forma de foto digital, lembro-me perfeitamente da foto a qual chamou minha atenção. Nela continham duas crianças, uma de costas à fotografia e outra de frente, entretanto

¹ Projeto de pesquisa “Brincadeiras indígenas em Santa Catarina”, em desenvolvimento no MBISC/UFSC.

desfocada. Ambas se banhavam num rio, e, logo me veio a seguinte reflexão introspectiva: “nunca tive a chance de me banhar nas águas de um rio”; a imaginação foi a mil e quando dei por mim já não estava tão presente na exposição e sim em minhas imaginações sobre a hipotética oportunidade. Entretanto ao cessar de minhas aventuras imaginárias pude me dar conta de como algo tão simples e natural pode gerar êxtase em tantas crianças – principalmente numa era totalmente virtual e “privada” de brincadeiras ao ar livre – e em alguns adultos também. Além disso, já coloquei como meta para o próximo verão: tomar banho de cachoeira! [Fórum sobre a exposição “Crianças Brincadeiras”, por Y.S.L, março 2019]

Ao me deparar com a incrível exposição composta por um jovem indígena chamado Ne-gatxa Patté – que por sinal é aluno do curso de Jornalismo na UFSC – pude sentir a alegria de cada criança em todas as fotografias. Talvez a diferença entre as culturas, não nos dê sensibilidade o suficiente para entender que a felicidade pode se encontrar intensamente numa brincadeira de pega-pega, num banho de rio e até mesmo numa roda onde possamos compartilhar histórias. Uma foto em especial me chamou muita atenção. Talvez pela simplicidade, mas ao mesmo tempo pelo sorriso carregado de orgulho de uma jovem indígena. A fotografia foi registrada num evento indígena, onde os costumes e vestes do povo são lembrados para que jamais se esqueçam de sua real cultura. É como se vendo aquela imagem, fosse possível estar observando de perto cada história. No entanto, é triste quando paramos para analisar tudo o que este povo sofreu e vem sofrendo por toda a história. Toda a discriminação, todo o preconceito, toda falta de incentivo, sem motivo algum. Afinal, é uma cultura de extrema riqueza. Enfim, (...) esta exposição me fez lembrar o quanto esta cultura é incrível e o quanto temos que aprender. É uma troca maravilhosa e curiosa, até porque poder aprender um pouquinho mais sobre o que um povo – tão próximo mas ao mesmo tempo tão distante de nós –, tem para nos oferecer e ensinar. [Fórum sobre a exposição “Crianças Brincadeiras”, por R.S.S, 31 março 2019]

1.4. PRÁTICAS MUDIÁTICAS E DIGITAIS

A partir da sondagem e mapeamento feito com o questionário inicial sobre o que os/as estudantes universitários/as fazem mediados pela

cultura digital, destacamos aspectos ligados às produções e compartilhamento online, que revelam práticas e preferências singulares de um grupo, mas que pode ser diferentes vozes de uma pequena amostra de um conjunto maior. Inspirados no método do Discurso do Sujeito Coletivo (Lefevre & Lefevre, 2014), situamos a seguir, algumas representações sociais que emergiram nas respostas do questionário buscando preservar a dimensão singular e coletiva de forma articulada.

Posts mais pessoas e visões políticas (pouco); Fotos, música; Eu raramente posto, mas quando posto são fotos em que saio com amigos; Político, sobretudo relacionado à educação; Se não são fotos minhas, são Memes e coisas relacionadas ao feminismo e a comunidade LGBTQI+; Reclamações; Militância; Conteúdos de conscientização e de ajuda aos animais; Notícias; Promoções, textos e ilustrações críticas; Poucos, porém provocativo; Humor, política; De adoções e momentos que vivencio; Compartilho muito pouco e quando o faço são mensagens positivas sobre saúde e cuidados pessoais ou ideias educativas; Não compartilho coisas, só altero a foto do perfil de vez em quando; Notícias, pensamentos, movimentos artísticos, artigos sobre ciências, pautas feministas...; Fotos; Mensagens de auto ajuda e humor; Divulgação de eventos; Memes sobre política, música ou filme. (Respostas de um coletivo de estudantes ao questionário)

Diante da pergunta sobre o que os/as estudantes universitários/as aprendem no YouTube, 90% dizem que aprendem “muitas coisas”. E em diferentes atividades didáticas ou informais, algumas narrativas explicitam sobre o que assistem e aprendem no YouTube:

A resolver contas de matemática e outros problemas relacionados às matérias da escola, fazer desenhos e a passar de uma fase de um videogame. E também como conseguir a platina em determinados jogos do PlayStation; Na época de pré-vestibular, o YouTube era uma bom aliado para tirar as dúvidas pendentes das aulas; Receitas e história; Conteúdos teóricos em vídeo-aula, receitas e tutoriais para trançar cabelo; aprendi sobre feminismo, jogos, homoafetividade; Inglês, francês, veganismo, au Pair, fotografia, intercâmbio, cultura de outros países, praticamente tudo que sei hoje sobre outros países e culturas; Conteúdo histórico; Geralmente quando preciso estudar pra alguma prova e os textos recomendados não me ajudam; 100%, procuro algo adicional ou aulas pra compreender melhor os assuntos,

dentre eles, já foi filosofia, matemática, sociologia, entre outros; Através de vídeo aulas, assistia a canais que me auxiliavam no entendimento das matérias; Decorações para casa, dicas para o vestibular; Já assisti vídeo-aula e receitas; Libras; Nossa, muitas coisas sobre política, história, arte prática, ciência, existencialismo, psicologia, budismo, etc.; MUITAS COISAS; No geral conteúdos cobrados no vestibular e matérias da faculdade; Alfabetização, bordados, pinturas, receitas culinárias; Conteúdos escolares e dúvidas ao fazer algo (comida...); Receitas caseiras, compreensões de conceitos; Checar as fontes. (Respostas de um coletivo de estudantes ao questionário)

E a respeito de “chegar as fontes”, em diversas ocasiões discutimos sobre a confiabilidade das informações, notícias e mensagens que recebemos sobre os mais diferentes assuntos. Na pergunta sobre como identificam a veracidade das informações que recebem, os/as estudantes disseram:

Verificando as fontes em sites fidedignos; Vendo a fonte da notícias; Pesquiso no Google pra identificar se existe mais de uma fonte e se os sites são confiáveis; Procuo confirmar em mais de um local, a gente sempre fica com uma dúvida referente às informações que são passadas, né; Nunca acredito 100% em nada que vejo; Pesquisando em várias fontes; Procuo saber por mais sites, principalmente através dos comentários de outras pessoas, quando não se tem comentário, procuro por outras fontes até conseguir chegar se é real ou não; Tudo deve ser pesquisado a fundo; Buscando fontes além dos sites; Verifico a fonte, e se tem em outros sites; Com “desconfiômetro” ligado; Não confio; Não sei; Pesquisando; Verifico na internet; Não confio muito, acho duvidoso pelo portal acessado e verifico em demais sites; Nem sempre as notícias são confiáveis, não podemos acreditar em tudo; Em saber como a informação é difundida e na credibilidade dos meios de informação; Buscando outras fontes. (Respostas de um coletivo de estudantes ao questionário)

Certamente algumas das falas acima são muito instigantes, pois ao mesmo tempo em que revelam certa “suspeita” ou desconfiança sobre as *fake news*, tal como danah boyd (2017) demonstra, por outro lado são vagas e também revelam o quanto ainda temos que articular esses conhecimentos, saberes e aprendizagens formais, não formais e informais na perspectiva crítica da Mídia Educação.

Nesse sentido, vale destacar as complementações que os/as estudantes fizeram sobre a trajetória, formação, atividades e hábitos culturais:

Gostaria de registrar, a participação nos movimentos estudantis e sociais, como também, o aprendizado e o crescimento político que nos forma como cidadão; Sim, gostaria de dizer que fiz intercâmbio enquanto meu curso estava trancado e isso mudou minha forma de pensar e ver o mundo, hoje tenho ideias diferentes para minha carreira e estou bem animada com a educação e o curso de pedagogia para me tornar uma excelente profissional; Desenho, jogos interativos como RPG são incríveis; Participei na construção do carnaval da cidade de Campinas. Na construção da bateria, fui mestre de nipe do ganza, na construção do barracão e nas reuniões dos blocos para construir o carnaval. (Respostas de um coletivo de estudantes ao questionário)

Enfim, fragmentos e narrativas que revelam o quanto as experiências significativas de aprendizagem transitaram pelos mais diferentes espaços da educação formal, não formal e informal. Isso nos leva a perguntar: as aprendizagens com o YouTube sobre um tema da disciplina ou sobre uma curiosidade qualquer se situam em qual classificação? E as aprendizagens para identificar a confiabilidade das mensagens, notícias, informações, que são/deveriam ser aprendidas na escola, na perspectiva da *informational literacy*, se aplicam e se constroem em que outros espaços? E uma saída de estudo a uma mostra fotográfica em que uma imagem inspira um banho de cachoeira?

Ainda são muitas questões que permanecem em aberto e certamente nos fazem retomar o papel da escola neste contexto.

2. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

A análise de experiências de educação não formal e informal de estudantes, compartilhadas em diferentes espaços e contextos de formação universitária na perspectiva crítica da Mídia Educação, valoriza a capacidade caleidoscópica de nossas mentes (Murray, 2013). É essa capacidade que permite entrelaçar múltiplos enfoques e perspectivas, imaginando a vida a partir de outros ângulos, não apenas os mais convencionais, e a perceber a diversidade de experiências culturais que atravessam nossa existência, problematizando certos espaços institucionais – como a escola e sua tendência a manter distante aquilo que não se enquadra à sua estrutura e

organização –, e reconfigurando nosso olhar sobre o outro, o mundo e os processos educativos.

As relações entre cultura, sociedade e tecnologia na formação de estudantes universitários/as, que emergiram tanto a partir das narrativas e depoimentos espontâneos como a partir dos próprios dispositivos e propostas, demonstram que: alguns filmes propiciaram uma percepção mais aprofundada sobre os temas da disciplina e usos de artefatos tecnológicos em diferentes contextos sociais; a mostra fotográfica desencadeou potentes reflexões não apenas sobre a importância da diversidade étnica e cultural mas também sobre o quanto ainda temos que aprender com a cultura indígena, na perspectiva das “epistemologias do sul” (Santos & Menezes, 2010); as práticas midiáticas, digitais e culturais de estudantes socializadas no grupo permitiram um sentido de pertencimento e “identificação na diferença” e também revelaram certos modos de aprender e o desafio de problematizar e/ou sistematizar tais saberes.

Nesse sentido, ao discutir sobre a centralidade ou não da escola no processo formativo no contemporâneo, desde o discurso que universaliza sua relevância como o que relativiza sua importância, reafirmamos que “quando vivemos a autenticidade exigida pela prática de ensinar-aprender, participamos de uma experiência total (...), política, ideológica, gnosiológica, pedagógica, estética e ética, em que a boniteza deve achar-se de mãos dadas com a decência e com a seriedade” (Freire, 2017, p. 26). Afinal, num mundo em reconfiguração, que altera os modos de produção de vida dos sujeitos, em que as tecnologias e mídias digitais promovem outras possibilidades formativas, acreditamos que mais do que uma escolha ou opção estética, trata-se de uma questão ética abordar tais questões na escola, considerando-a como um espaço ético-estético da formação humana (Fantin, 2018) que pode contribuir com as mudanças que ocorrem na sociedade.

REFERÊNCIAS

- Arantes, V. A. (Ed.). (2008). *Educação formal e não formal: pontos e contrapontos*. São Paulo: Summus.
- Arroyo, M. (2009). *Imagens quebradas: trajetórias e tempos de alunos e mestres*. Petrópolis: Vozes.
- boyd, d. (2017, 05 de janeiro). Did Media Literacy Backfire? *Data & Society: Points*. Retirado de <https://points.datasociety.net/did-media-literacy-backfire-7418co84d88d>

- Brandão, C. R. (1981). *O que é educação*. São Paulo: Brasiliense.
- Carneiro, J. D. & Rocha, M. S. P. M. L. (2013). Educação não formal e avaliação: possibilidades, limites e desafios. *Educação Unisinos*, 17(2), 102-113. Retirado de <http://revistas.unisinos.br/index.php/educacao/article/view/edu.2013.172.03>
- Chaves, A. P. & Goergen, P. L. (2017). Ética e estética na formação humana. *Revista Exitus*, 7(2), 331-349. <https://doi.org/10.24065/2237-9460.2017v7n2ID316>
- Fantin, M. (2017). Pesquisa-formação em educação para os média: experiências e conexões. In S. Pereira & M. Pinto (Eds), *Literacia, Media e Cidadania: Livro de Atas do 4.º Congresso* (pp. 20-35). Braga: CECS. Retirado de http://www.lasics.uminho.pt/ojs/index.php/cecs_ebooks/article/view/2662
- Fantin, M. (2018). Conhecimento estético, tecnologias da sensibilidade e experiências formativas de crianças, jovens e professores. *Tempos e Espaços em Educação*, 11(26), 38-54. <https://doi.org/10.20952/revtee.v11i26.8834>
- Figueiredo, M. (2019, maio). *Ciência(s) de Dados e Inteligência Artificial: Aplicações e Desafios Sociais*. Conferencia Inaugural do V Congresso Literacia, Media e Cidadania, Aveiro.
- Floridi, L. (2017). *La quarta rivoluzione. Come l'infosfera sta trasformando il mondo*. Milão: Raffaello Cortina.
- Freire, P. (2017). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. Rio de Janeiro: Paz & Terra.
- Freire, P. & Betto, F. (1998). *Essa escola chamada vida: depoimentos ao repórter Ricardo Kotscho*. São Paulo: Ática.
- Gohn, M. G. (2014). Educação não formal, aprendizagens e saberes em processos participativos. *Investigar em Educação*, 1, 35-50. Retirado de <http://pages.ie.uminho.pt/inved/index.php/ie/article/view/4>
- Hall, S. (1997). A centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo. *Educação e Realidade*, 22(2), 15-46. Retirado de <https://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/71361/40514>
- Jenkins, H. Clinton, K., Purushotma, R., Robison, A. J. & Weigel, M. (2006). *Confronting the challenges of participatory culture: media education for the 21st Century*. Retirado de https://www.macfound.org/media/article_pdfs/JENKINS_WHITE_PAPER.PDF

- Lefevre, F. & Lefevre, A. M. C. (2014). Discurso do sujeito coletivo: representações sociais e intervenções comunicativas. *Texto & Contexto – Enfermagem*, 23(2), 502-507. <https://doi.org/10.1590/0104-07072014000000014>
- Martín-Barbero, J. (2008). El cambio en la percepción de los jóvenes. Socialidades, tecnicidades y subjetividades. In R. Morduchowicz (Ed.), *Los jóvenes y las pantallas* (pp. 24-45). Barcelona: Gedisa.
- Murray, J. H. (2013). *Hamlet no holodeck: o futuro da narrativa no ciberespaço*. São Paulo: UNESP.
- Muylaert, C. J., Sarubbi Jr., V., Gallo, P. R., Neto, M. L. R. & Reis, A. O. A. (2014). Entrevistas narrativas: um importante recurso em pesquisa qualitativa. *Revista da Escola de Enfermagem da USP*, 48(Número Especial 2), 184-189. <https://doi.org/10.1590/S0080-623420140000800027>
- Nóvoa, A. & Finger, M. (Orgs.). (1988). *O método auto(biográfico) e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Rivoltella, P.C. (2018). *Un'idea di scuola*. Brescia: La Scuola.
- Santos, B. S. & Meneses, M. P. (2010). *Epistemologias do Sul*. São Paulo: Cortez.
- Sodré, M. (2012). *Reinventando a Educação*. Petrópolis: Vozes.

Citação:

Fantin, M. & Santos, J. D. A. dos (2019). Educação não formal e suas dimensões éticas e estéticas na formação midiática e cultural de estudantes universitários. In S. Pereira (Ed.), *Literacia, Media e Cidadania – Livro de Atas do 5.º congresso* (pp. 106-118). Braga: CECS.